

O ensino da dança na contemporaneidade numa perspectiva inclusiva: o uso do corpo como substituto simbólico.

Adriana de Faria Gehres, Tânia Claudia Castanheira Fernandes, Sara Filipa Machado de Magalhães Pacheco, Suzi Campos Maurício

O desenvolvimento cognitivo em crianças com Trissomia 21, talvez seja dos aspectos mais discutidos na literatura acerca deste Síndrome (Bissoto, 2005). Caracterizada como uma deficiência mental¹, a Trissomia 21 impõe algumas características particulares do ponto de vista cognitivo, físico, psico-social e psicomotor a todos os indivíduos que a adquirem ainda no processo de gestação.

Considerando a necessidade de melhor compreendermos como estas características incidem sobre o processo de aprendizagem e de inclusão na sociedade contemporânea, inúmeros estudos (Bissoto, 2005) vêm sendo empreendidos no sentido de entender a população em questão, bem como de desenvolver estratégias para a inclusão das crianças e jovens com Trissomia 21.

Embora a maioria dos estudos e estratégias desenvolvam-se em experiências cognitivas, tendo em vista a própria tradição das nossas sociedade e escola ocidentais, a psicomotricidade, as neurociências, as psicologias do desenvolvimento e da aprendizagem têm nos alertado para a correlação existente entre aspectos motores, cognitivos e emocionais.

A dança, assim como as demais artes, apresenta-se como uma produção/acção humana a ser conhecida e desfrutada pela população em geral. Neste sentido, muito tem se desenvolvido para ser aprendida em todas as idades, estratos sociais, sexos e etnias, independentemente das condições cognitivas e motoras dos indivíduos. Como arte do movimento, a dança apresenta-se, talvez, como locus privilegiado para a interacção entre todos os aspectos que formam o cidadão/indivíduo com e sem deficiências (Gehres, 2002).

Neste contexto, no último ano lectivo tivemos a oportunidade de orientar um trabalho de conclusão de licenciatura sobre o corpo e o desenvolvimento cognitivo em jovens com Trissomia 21². Nesta investigação constatamos que os jovens com Trissomia 21, conforme aponta a literatura (Cuilleret, 1984), apresentavam dificuldades em utilizar substitutos simbólicos, neste caso, o seu próprio corpo como substituto simbólico. Embora a estrutura e as etapas do jogo simbólico sejam vividas pelas crianças com Trissomia 21 da mesma forma que crianças normais, apenas com um atraso em relação à idade cronológica, mas não à idade mental (Leitão, 2000). Por exemplo, estes jovens quando

¹ Segundo o DSM-IV-TR – Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (2002), a característica essencial da Deficiência Mental é um funcionamento intelectual global inferior à média que é acompanhado por limitações no funcionamento adaptativo em pelo menos duas das áreas seguintes: comunicação, cuidados próprios, vida doméstica, competências sociais/interpessoais, uso de recursos comunitários, autocontrole, competências académicas funcionais, trabalho, tempos livres, saúde e segurança. O início deve ocorrer antes dos 18 anos.

² Fernandes, Tânia Claudia Castanheira (2006). O corpo e o desenvolvimento cognitivo na expressão dramática em jovens com Trissomia 21. Licenciatura em Motricidade Humana (Memória Final). Instituto Piaget. Viseu.

defrontados com jogos de improvisação, nos quais eram solicitados a “imitar” animais e/ou objectos ou não respondiam a solicitação, ou imitavam os sons, ou levavam muito tempo a processar a informação. Diante desta constatação optámos por organizar uma pesquisa exploratória com o objectivo de caracterizar os corpos (falas e acções) das crianças com Trissomia 21 em “aulas de iniciação à dança”, quando da resposta a diferentes “instruções”, estímulos elaborados pela professora, com ênfase nos momentos em que a professora solicita o uso do corpo como substituto simbólico.

Nossa orientação teórico-metodológica está centrada na pesquisa qualitativa de carácter fenomenológico, na qual iremos identificar a essência das acções, reacções e falas vividas nas aulas na vivência do corpo como substituto simbólico.

Para tanto, contactamos a associação AVIS PT 21, a qual encaminha seus utentes para, entre outras actividades, aulas regulares³ de dança em um espaço de dança “Lugar Presente”, no distrito de Viseu, o qual tem a orientação pedagógica e artística da Companhia Paulo Ribeiro.

As aulas são realizadas uma vez por semana, com a duração de uma hora sob a orientação da professora e bailarina Rita Abreu. As crianças com Trissomia 21 são cinco, frequentando aulas em horários diferenciados. Eduardo tem 11 anos e frequenta as aulas das 2^{as}. feiras às 17:00h. Sara, 11 anos, e João, 11 anos frequentam as aulas das 2^{as}. feiras às 19:00h. Maria, 6 anos, vai às aulas às 3^{as}. Feiras, às 17:30h. e Diogo, 7 anos, está presente nas aulas das 3^{as}. Feiras às 18:30h.

Para organizarmos a nossa colheita de dados, optámos por fazer observações participantes em todas aulas no período de Março a Junho de 2007, registando todas as acções e as falas apresentadas pelos alunos com Trissomia 21 diante das solicitações da professora, com ênfase nos momentos em que a professora utiliza-se de jogos de improvisação no qual as crianças são solicitadas a utilizar seus corpos como substitutos simbólicos (jogo simbólico).

A análise dos dados foi realizada através da descrição, compreensão e interpretação dos dados, através da categorização das acções e falas identificadas.

Referências:

American Psychiatric Association (2002). Manual de diagnóstico das perturbações mentais, DSM-IV-TR. Lisboa: Climepsi Editores.

Bissoto, M. L. (2005). O desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de Síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. Ciências e Cognição. a. 2, v. 4. Disponível em www.cienciasecognição. Acesso em: 10/10/2006.

Cuilleret, M. (1984). Les trissomiques parmi nous ou les Mongoliens ne sont plus. Paris: Simep.

³ Ensino vocacional

Fernandes, Tânia Claudia Castanheira (2006). O corpo e o desenvolvimento cognitivo na expressão dramática em jovens com Trissomia 21. Licenciatura em Motricidade Humana (Memória Final). Instituto Piaget. Viseu.

Gehres, A. F. (2002). Corpo-dança-educação na contemporaneidade ou da construção de corpos fractais. Lisboa, Portugal. Tese (Doutoramento). Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana.

Leitão, F. (Org.) (2000). A intervenção precoce e a criança com Síndrome de Down: estudos sobre interacção. Porto. Porto Editora.

Adriana de Faria Gehres – Doutora em Motricidade Humana-Dança pela Faculdade de Motricidade Humana-Universidade Técnica de Lisboa. Professora Assistente A no Instituto Piaget-Viseu. Professora Adjunta na Universidade de Pernambuco-Brasil

Contactos:

Tel.: 232910008

Telemóvel: 962341787

E-mail: agehres@yahoo.com